



PREFEITURA DA ESTÂNCIA TURÍSTICA DE
IBIÚNA
Por uma Ibiúna próspera. Investindo no presente, gerando o futuro.
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO



9º Apostila (09 a 27) de Agosto



5º Ano B

Devolução dia 30/08.

Nome da Escola: "Maria Benedita Rodrigues".
Profº Grazielle Clemente Machado

3º BIMESTRE/2021

Currículo em **Ação**

LER E ESCREVER &
SOCIEDADE E NATUREZA

5

QUINTO ANO
ENSINO FUNDAMENTAL I
CADERNO DO ALUNO

VOLUME 1

CO
CURRÍCULO
PAULISTA 



Sequência Didática

Estudo de Pontuação

Etapa 1 – Refletir sobre a pontuação

ATIVIDADE 1A – RETOMANDO CONHECIMENTOS SOBRE PONTUAÇÃO

1. Em duplas, analisem a frase abaixo. Não esqueçam: a pontuação deve garantir a compreensão do texto.

MEU ESTOJO SUMIU NÃO ESTÁ NA GAVETA

a. Reescrevam a frase apresentada, utilizando a pontuação que julgarem mais adequada.

Socializem sua forma de pontuar e, em seguida, procurem, entre as demais duplas da sala, formas diferentes do uso da pontuação e anotem nas linhas abaixo.

ATIVIDADE 1B – USANDO A PONTUAÇÃO PARA COMPREENSÃO

- c. Registrem as conclusões sobre as diferentes formas de pontuar com a ajuda do(a) professor(a)

- d. Transcreva nas linhas abaixo o texto, utilizando a pontuação mais adequada para a compreensão da frase.

ATIVIDADE 1D – CONTEXTUALIZANDO A PONTUAÇÃO

1. Você lerá o conto intitulado "Um Apólogo", do livro "Várias Histórias", de Machado de Assis. É possível antecipar do que tratará o texto, considerando seu título?

Um Apólogo

Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha:

— Por que está você com esse ar, toda cheia de si, toda enrolada, para fingir que vale alguma coisa neste mundo?

— Deixe-me, senhora.

— Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável. Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.

— Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar? Cada qual tem o ar que Deus lhe deu. Importe-se com a sua vida e deixe a dos outros.

— Mas você é orgulhosa.

— Decerto que sou.

— Mas por quê?

— É boa! Porque coso. Então os vestidos e enfeites de nossa ama, quem é que os cose, senão eu?

— Você? Esta agora é melhor. Você é que os cose? Você ignora que quem os cose sou eu, e muito eu?

— Você fura o pano, nada mais; eu é que coso, prendo um pedaço ao outro, dou feição aos babados...

— Sim, mas que vale isso? Eu é que furo o pano, vou adiante, puxando por você, que vem atrás, obedecendo ao que eu faço e mando...

— Também os batedores vão adiante do imperador.

— Você é imperador?

— Não digo isso. Mas a verdade é que você faz um papel subalterno, indo adiante, vai se mostrando o caminho, vai fazendo o trabalho obscuro e ínfimo. Eu é que prendo, ligo, ajunto...

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, que tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha, e entrou a coser.

Uma e outra iam andando orgulhosas, pelo pano adiante, que era a melhor das sedas, entre os dedos da costureira, ágeis como os galgos de Diana — para dar a isto uma cor poética. E dizia a agulha:

— Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta

costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima.

A linha não respondia nada; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha saleta de costura; não se ouvia mais que o *plic-plic plic-plic* da agulha no pano.

Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte; continuou ainda nesse e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E quando compunha o vestido da bela dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou dali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe:

— Ora agora, diga-me quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto você volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não menor experiência, murmurou à pobre agulha:

— Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Fazes como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça: — Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!

Fonte: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000269.pdf>. Acesso em: 20 set. 20

2. Responda às questões abaixo:

- a. O texto apresentado foi escrito por Machado de Assis. Você conhece esse autor? Já leu algum livro dele? Saberria dizer qual é o gênero do texto?

- b. Converse com seu(sua) professor(a) e seus colegas sobre cada uma das questões apresentadas. Registre as conclusões da turma.

- c. Você deve ter conversado com o(a) seu(sua) professor(a) e colegas que o texto, às vezes, toma um fato do cotidiano para poder fazer uma crítica ou propor uma reflexão sobre valores sociais vivenciados em uma época histórica. Pensando nisso, busque no texto e escreva, nas linhas abaixo, trechos que apresentem a vaidade dos personagens.

d. Diante da afirmação "Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!", o que é possível entender? Qual a intenção do autor?

e. Que aspecto da vida das pessoas o autor critica com esse texto?

Retome as antecipações realizadas a partir do título e discuta-as com seus colegas.

Etapa 2 – Aspectos discursivos

ATIVIDADE 2A – INTRODUZINDO AS FALAS DOS PERSONAGENS

1. Leia os trechos 1 e 2 apresentados a seguir, compare-os e responda o que há de diferente entre eles.

Trecho 1

- Deixe-me, senhora.
- Que a deixe? Que a deixe, por quê? Porque lhe digo que está com um ar insuportável? Repito que sim, e falarei sempre que me der na cabeça.
- Que cabeça, senhora? A senhora não é alfinete, é agulha. Agulha não tem cabeça. Que lhe importa o meu ar?

Machado de Assis. *Um Apólogo*. *Várias Histórias*. 1896. Domínio Público.

Trecho 2

Estavam nisto, quando a costureira chegou à casa da baronesa e a cumprimentou dizendo bom dia. Não sei se disse que isto se passava em casa de uma baronesa, ou se tinha a modista ao pé de si, para não andar atrás dela. Chegou a costureira, pediu licença à baronesa, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha e entrou a coser.

Fonte: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000269.pdf>. Acesso em: 20 set. 2012.

2. No trecho 1, observamos a reprodução da maneira fiel da fala dos personagens. No trecho 2, a fala da personagem é reproduzida pelo narrador. O que você acha dessas formas de organizar o texto?

3. Com base na discussão da questão anterior, indique qual o discurso empregado pelo autor.
- a. Trecho 1 () Discurso direto () Discurso indireto
- b. Trecho 2 () Discurso direto () Discurso indireto
4. Apresente, aos demais colegas, sua reflexão, discutindo-a e revendo anotações se for necessário.

ATIVIDADE 28 – MARCAS LINGÜÍSTICAS DO DISCURSO DIRETO

- 1** Releiam o trecho do texto abaixo e indiquem as palavras que introduzem o discurso direto.

“Veio a noite do baile, e a baronesa vestiu-se. A costureira, que a ajudou a vestir-se, levava a agulha espetada no corpinho, para dar algum ponto necessário. E quando compunha o vestido da bela dama, e puxava a um lado ou outro, arregaçava daqui ou ali, alisando, abotoando, acolchetando, a linha, para mofar da agulha, perguntou-lhe:

— Ora agora, diga-me quem é que vai ao baile, no corpo da baronesa, fazendo parte do vestido e da elegância? Quem é que vai dançar com ministros e diplomatas, enquanto volta para a caixinha da costureira, antes de ir para o balaio das mucamas? Vamos, diga lá.

Parece que a agulha não disse nada; mas um alfinete, de cabeça grande e não muito experiência, murmurou à pobre agulha:

— Anda, aprende, tola. Cansas-te em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar a vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.

Contei esta história a um professor de melancolia, que me disse, abanando a cabeça:

— Também eu tenho servido de agulha a muita linha ordinária!” (...)

Fonte: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000269.pdf>. Acesso em: 20 set. 2011.

- 2** Apresentem as conclusões a que você e seu(sua) colega chegaram e discutiram nas com a classe.

- 3** Escreva, nas linhas abaixo, as palavras que você e seu(sua) colega encontraram

ATIVIDADE 2C – MARCAS GRÁFICAS DO DISCURSO DIRETO

1. Leia o trecho apresentado a seguir e observe como o autor utilizou a pontuação para indicar quem está falando.

Texto 1: O Lobo e o Cordeiro

Em um pequeno córrego, bebia água um Lobo esfomeado, quando chegou, mais abaixo da corrente de água, um Cordeiro, que começou também a beber.

O Lobo olhou com os olhos sanguinários e arreganhando os dentes disse:

— Como ousas turvar a água onde bebemos?

O Cordeiro respondeu com humildade:

— Eu estou abaixo de onde bebes e não poderia sujar a tua água.

O Lobo, mostrando-se mais raivoso tornou a falar:

— Por isso, tens que praguejar?

“Há seis meses teu pai também me ofendeu!”, disse o Lobo. Respondeu o Cordeiro: “Creio que há um engano, porque eu nasci há apenas três meses, então não havia nascido e por isso não tenho culpa.”

O Lobo replicou:

— Tens culpa pelo estrago que fizestes pastando em meu campo.

Disse o Cordeiro: “Isso não parece possível, porque ainda não tenho dentes.”

O Lobo, sem mais razões, saltou sobre o Cordeiro, e o comeu.

Esopo. Adaptação de Joseph Shafan. As Fábulas de Esopo. Disponível em :<<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000378.pdf>> Acesso em : 09 Dez. 2020.

2. Agora, vamos registrar algumas reflexões realizadas ao longo dessa atividade:

a. Primeira reflexão:

As falas de um personagem podem ser indicadas no texto com os seguintes grupos de sinais:

b. Segunda reflexão:

Os sinais gráficos marcam a fala de um personagem. Além disso, é possível identificar de quem é a fala de algumas maneiras, sendo elas as seguintes:

c. Terceira reflexão:

Quando o autor do texto não anuncia quem vai falar, nem explica quem está falando ou acabou de falar, como é possível identificar quem fala?

ATIVIDADE 2D – AS POSSIBILIDADES DE USO DAS ASPAS

1. Leia os trechos selecionados a seguir.

Trecho 1: O Lobo e o Cordeiro

Em um pequeno córrego, bebia água um Lobo esfomeado, quando chegou abaixo da corrente de água, um Cordeiro, que começou também a beber.

O Lobo olhou com os olhos sanguinários e arreganhando os dentes disse:

— Como ousas turvar a água onde bebemos?

O Cordeiro respondeu com humildade:

— Eu estou abaixo de onde bebes e não poderia sujar a tua água.

O Lobo, mostrando-se mais raivoso tornou a falar:

— Por isso, tens que praguejar?

“Há seis meses teu pai também me ofendeu!”, disse o Lobo. Respondeu o Cordeiro:

“Creio que há um engano, porque eu nasci há apenas três meses, então não havia nascido isso não tenho culpa.”

O Lobo replicou:

— Tens culpa pelo estrago que fizestes pastando em meu campo.

Disse o Cordeiro: "Isso não parece possível, porque ainda não tenho dentes."

O Lobo, sem mais razões, saltou sobre o Cordeiro, e o comeu.

Esopo. Adaptação de Joseph Shafan. As Fábulas de Esopo. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ea000378.pdf>> Acesso em: 09 Dez. 2020

Trecho 2: O Rato do Mato e o Rato da Cidade

Um ratinho da cidade foi uma vez convidado para ir à casa de um rato do campo. Vendo que seu companheiro vivia pobremente de raízes e ervas, o rato da cidade convidou-o a ir morar com ele:

— Tenho muita pena da pobreza em que você vive — disse. — Venha morar comigo na cidade e você verá como lá a vida é mais fácil.

Lá se foram os dois para a cidade, onde se acomodaram numa casa rica e bonita.

Foram logo à despensa e estavam muito bem, se empanturrando de comidas fartas e gostosas, quando entrou uma pessoa com dois gatos, que pareceram enormes ao ratinho do campo.

Os dois ratos correram espavoridos para se esconder.

— Eu vou para o meu campo — disse o rato do campo quando o perigo passou. — Prefiro minhas raízes e ervas na calma, às suas comidas gostosas com todo esse susto.

ABREU, A.R. et al. Alfabetização: livro do aluno. Brasília: FUNDESCOLA/SEFMEC, 2000. 128 p. v.2.

2. Agora, volte aos textos apresentados e analise:

A. De que maneiras são usadas as aspas? Registre suas descobertas:

B. Ao analisar os dois textos, é possível identificar as possibilidades de uso das aspas? Quais são essas?

Etapa 3 – Escrita pelo estudante

ATIVIDADE 3A – PONTUANDO DIÁLOGOS

- 1 Considerando suas anotações, reescreva o trecho a seguir no seu caderno, pontuando o texto de maneira adequada. Trata-se de um fragmento do texto de Monteiro Lobato, lido pelo(a) professor(a). Nele, os personagens estão discutindo o rapto do ditongo "ÃO".

NO PRINCÍPIO NÃO HAVIA NOITE DIAS OMENTE HAVIA EM TODO TEMPO. NOITE ESTAVA ADORMECIDA NO FUNDO DAS ÁGUAS NÃO HAVIA ANIMAIS TODAS AS COISAS FALAVAM A FILHA DA COBRA GRANDE CONTAM CASARA-SE COM UM MOÇO ESSE MOÇO TINHA TRÊS FÂMULOS FIÉS UM DIA ELE CHAMOU OS TRÊS FÂMULOS E DISSE LHE IDE PASSEAR, PORQUE MINHA MULHER NÃO QUER DORMIR COMIGO OS FÂMULOS FORAM SEE ENTÃO ELE CHAMOU SUA MULHER PARA DORMIR COM ELE A FILHA DA COBRA GRANDE RESPONDEU LHE AINDA NÃO É NOITE O MOÇO DISSE LHE NÃO HÁ NOITES OMENTE HÁ DIA A MOÇA FALOU MEU PAI TEM NOITE SE QUER ES DORMIR COMIGO MANDA BUSCAR LAPELO GRANDE RIO O MOÇO CHAMOU OS TRÊS FÂMULOS A MOÇA MANDOU OS À CASA DE SEU PAI, PARA TRAZEREM UM CAROÇO DE TUCUMÃ. OS FÂMULOS FORAM CHEGARAM À CASA DA COBRA GRANDE ESTA LHE ENTREGOU UM CAROÇO DE TUCUMÃ

Monteiro Lobato. Texto adaptado pela equipe CEIA/SEDUC especialmente para o Ler e Escrever – 2020.

ATIVIDADE 3B – ALTERANDO O DISCURSO DIRETO E INDIRETO

- 1 Com seu(sua) professor(a) e em duplas, leiam "Narciso" um texto da mitologia grega. Observe que há trechos com marcas diferenciadas, que serão usadas por você, a seguir.

NARCISO

Mitologia grega

Há muito tempo, na floresta passeava Narciso, o filho do sagrado rio Kiphissos. Era lindo, é, tinha um modo frio e egoísta de ser, era muito convencido de sua beleza e sabia que não ha no mundo ninguém mais bonito que ele.

Vaidoso, a todos dizia que seu coração jamais seria ferido pelas flechas de Eros, filho de ite, pois não se apaixonava por ninguém.

As coisas foram assim até o dia em que a ninfa Eco o viu e imediatamente se apaixonou e.

Ela era linda, mas não falava, o máximo que conseguia era repetir as últimas sílabas das palavras que ouvia.

Narciso, fingindo-se desentendido, perguntou:

— **Quem está se escondendo aqui perto de mim? — ... de mim — repetiu a ninfa assustada.**

— **Vamos, apareça! — ordenou — Quero ver você! — ... ver você! — repetiu a mesma voz em tom alegre.**

Assim, Eco aproximou-se do rapaz. Mas nem a beleza e nem o misterioso brilho nos olhos da ninfa conseguiram amolecer o coração de Narciso.

— **Dê o fora! — gritou, de repente — Por acaso pensa que eu nasci para ser um da sua espécie? Sua tola!**

— **Tola! — repetiu Eco, fugindo de vergonha.**

A deusa do amor não poderia deixar Narciso impune depois de fazer uma coisa daquelas. Resolveu, pois, que ele deveria ser castigado pelo mal que havia feito.

Um dia, quando estava passeando pela floresta, Narciso sentiu sede e quis tomar água.

Ao debruçar-se num lago, viu seu próprio rosto refletido na água. Foi naquele momento que Eros atirou uma flecha direto em seu coração.

Sem saber que o reflexo era de seu próprio rosto, Narciso imediatamente se apaixonou pela imagem.

Quando se abaixou para beijá-la, seus lábios se encostaram na água e a imagem se desfez. A cada nova tentativa, Narciso ia ficando cada vez mais desapontado e recusando-se a sair de perto da lagoa. Passou dias e dias sem comer nem beber, ficando cada vez mais fraco.

Assim, acabou morrendo ali mesmo, com o rosto pálido voltado para as águas serenas do lago.

Esse foi o castigo do belo Narciso, cujo destino foi amar a si próprio. Eco ficou chorando ao lado do corpo dele, até que a noite a envolveu. Ao despertar, Eco viu que Narciso não estava mais ali, mas em seu lugar havia uma bela flor perfumada. Hoje, ela é conhecida pelo nome de "narciso", a flor da noite.

BREU, A.R. et al. Alfabetização: livro do aluno. Brasília: FUNDESCOLA/SEFMEC, 2000.

Releia apenas os trechos em negrito. Eles mostram o diálogo entre os personagens, escrito em discurso direto. Reescreva-os, em seu caderno, passando para o discurso indireto.

- b. Agora, observe os trechos sublinhados. Eles revelam a fala dos personagens de modo indireto. Reescreva-os, em seu caderno, passando para o discurso direto.

- c. Depois, partilhe suas ideias com o(a) professor(a) e os colegas e veja como resolveram essas questões.

Projeto Didático

Contos de Assombração

Etapa 1 – Roda de Conversa

ATIVIDADE 1A – CONHECIMENTO DO TEMA

Nesta atividade, o(a) professor(a) fará uma roda de conversa com os(as) estudantes sobre o conhecimento do grupo a respeito do tema a ser trabalhado.

Etapa 2 – Conhecer o projeto

ATIVIDADE 2A – COMPARTILHANDO E ORGANIZANDO O PROJETO

Nesta atividade, o(a) professor(a) compartilhará com os(as) estudantes o projeto “Contos de Assombração” a ser realizado.

Etapa 3 – Leitura Compartilhada

ATIVIDADE 3A – EXPLORANDO OS CONTOS DE ASSOMBRAÇÃO

Nas atividades das etapas 1 e 2 do Projeto “Contos de Assombração”, que você realizou anteriormente com seu(sua) professor(a) e seus(suas) colegas, tiveram por objetivo apresentar as etapas do projeto e o produto final. Ele consiste na produção de uma coletânea de contos feitos pelos estudantes.

Nesta etapa 3, você irá conhecer os contos de assombração, suas características, como são organizados e, além disso, conhecerá alguns autores. Para começarmos nossos estudos, na atividade 3A, será realizada a leitura de dois textos, em parceria com o(a) professor(a). Após a leitura, será feita a apreciação dos textos e algumas sugestões propostas pelo(a) professor(a).



Fonte: <https://br.freepik.com/search?dates=any&format=search7page=1&query=florista%20&selection=1&sort=popular&type=vector>. Acesso em: 28 out. 2020.

Eu sempre fui alguém levada, teimosa e birrenta. Desde pequena, eu gostava de brincar com tintas e claro, muita bagunça e lambança. Minha mãe às vezes ficava maluca ao ver as coisas que eu fazia, quando, por exemplo, eu tirei terra do vaso e espalhei pelo quintal com as bonecas, fingindo que elas estavam saindo de uma guerra. Mas o tempo passa, e já com alguns anos eu comecei a desobedecer aos mais velhos, principalmente quando pediam que eu fizesse coisas das quais eu não gostava. Não foi à toa que eu era repreendida exaustivamente por minha mãe, Joana, e de vez em quando por meu pai, João, cuja presença em casa era difícil de ser visto que ele trabalhava a maior parte do tempo para nos alimentar.

Independente das broncas, a realidade era que eu jamais parei de ser teimosa e birrenta. Aos doze anos, quando finalmente meu irmão Lucas nasceu e eu me tornei um tipo de guarda-chuva carregando-o para cima e para baixo enquanto nossa mãe cuidava de casa. Em Rio Branco, Acre, as casas eram muito longe uma das outras, e para buscarmos alguns mantimentos, tínhamos que atravessar um caminho de barro cercado de mato. Pelo menos uma vez por semana eu ia com meu irmão no colo para pegarmos os mantimentos e retornarmos logo depois.

Seguindo a cansativa rotina, houve um dia em que eu e Lucas tivemos que buscar um bolo de milho que Dona Chica, do vilarejo, tinha prometido para nossa mãe. O sol já estava se pondo quando estávamos no meio do caminho, mas caminhar no escuro é algo que qualquer pessoa caipira se acostuma, e não seria motivo de deixarmos de comer aquele delicioso bolo. Com Lucas em mãos, cheguei ao vilarejo e peguei a marmitta com Dona Chica, uma senhora com mais de setenta anos que adorava cozinhar guloseimas de todos os tipos, que pediu para eu não abrisse o pote de bolo até que tivéssemos chegado em casa. Independente do cheiro era tão delicioso a ponto de eu ter que abrir e comer rapidamente uma lasca.

E novamente minha teimosia foi motivo para que eu fosse repreendida.

— Já tinha ouvido que você era teimosa, mas não desse jeito, menina! Você não respeita os mais velhos, não ouve seus pais, é egoísta! Ah, eu já sei o que fazer com você! — Enquanto falava, Dona Chica desapareceu na escuridão de sua sala e então um rosnado grave passou a ecoar pela casa, como se cães estivessem juntos a ela.

Dona Chica, do meio das sombras, surgiu com o rosto deformado, revelando muitas presas e segurando em sua mão uma guia ligada a uma coleira, que por sua vez flutuava no ar, como se estivesse segurando algo invisível.

— Vou te dar apenas esse recado, menina, pois eu sou a Senhora dos Cães! E é melhor que corra, pois eu enviarei o mais obediente dos meus cães, o Cão dos Indecentes, pois você só aprenderá com uma lição inesquecível!

Em meio àquela situação, Lucas começou a chorar e eu, abalada por ver tamanha monstruosidade, só consegui sair correndo sob o céu coberto por nuvens escuras, seguindo pelo caminho de barro enquanto ouvia o rosnado de um cão atrás de mim. Naquele horário, por algum motivo, não havia mais pessoas, nem mesmo o sinal de animais.

O vento que atravessava o matagal se fortificou. Em desespero, eu pedi perdão por ter sido desobediente e segui pelo caminho, olhando de um lado para outro. Foi quando eu ouvi dentes afiados. Seus olhos brilhavam em carmesim quando ele abaixou a cabeça, aproximando-se lentamente de mim e de Lucas. Tremendo, eu recuei lentamente, mas à medida que eu me distanciava, o cachorro também avançava. Comecei a perceber que quanto mais ele mostrava os dentes, mais a boca se abria, como se estivesse sendo rasgada dos lados para comportar tamanha quantidade de dentes, uns sobre os outros. Os olhos até então avermelhados foram tomados pela cor preta e após uivar, uma sombra saiu de suas patas e se lançou em todas as direções, paralisando meus pés.

Eu pedi misericórdia e implorei para que nada acontecesse comigo e com meu irmão. O cão então ficou sobre as duas patas e de seu peito saiu mais uma boca, revelando caninos tão afiados quanto os da boca original. Verti lágrimas de horror e me lembrei da transformação de Dona Chica, afinal, o que seria a Senhora dos Cães?

Resoluta, abaixei minha cabeça e pedi perdão dezenas de vezes. Cobri os olhos de Lucas, que permanecia chorando e me mantive firme diante do cão. As patas dele sobre a terra pareciam propagar o som de batidas de um martelo contra um prego. Eu sentia sua presença cada vez mais próxima e, quando percebi, seu rosto já estava rente ao meu. Era possível sentir o hálito ácido e fétido, como se sua boca fosse o próprio bueiro, e ouvir o som da sua ira.

— Você é uma criança teimosa, e pessoas teimosas não costumam se dar bem. Eu vim direto das sombras, dos recônditos do lar daqueles que desobedeceram às regras da vida, e te encontrei desobedecendo a um pedido de alguém sábio. Mas sua esperteza parece se destacar em meio a tanta soberba, não é mesmo? Acha-se dona de tudo e de todos. Acha que seus atos não possuem consequências. Hoje, será somente um aviso, em respeito ao teu irmão, que ainda não tem discernimento e está nos braços de alguém inconsequente. Mas, Marina, da próxima vez eu te trarei muito mais do que o mais puro e aterrorizante medo. Da próxima vez, você terá que arcar com as consequências com o mesmo peso da sua desobediência. Siga em frente,

e lembre-se que eu sempre estarei te olhando, seja nas ruas, seja em casa e, quando eu estiver, saiba que haverá outros em meu lugar.

Terminando de falar, ele rugiu no meu rosto, fazendo com que até mesmo minhas lágrimas chegassem ao ponto de congelar. Desesperada, eu vi o corpo do cão desaparecer como fumaça e segui andando em linha reta. Meu corpo tremia e Lucas não mais chorava. Foi pouco a pouco que chegamos em casa e entregamos o bolo para minha mãe, que me percebeu pálida e poderia contar o que aconteceu, mas preferi dizer que tudo estava bem, principalmente a imagem de Dona Chica cercada de cães no meio das árvores para além da nossa propriedade.

“Sabe quem sou eu, menina? Na verdade, acho que é melhor você não entender que eu sou a Senhora dos Cães...”, ouvi sua voz em pensamento, deixando o pedaço de bolo cair de minhas mãos.

O BICHO-HOMEM

Danilo de Almeida da Silva

Vovó Juvenalia sempre foi uma mulher peculiar. E eu, bom, eu nunca prestei muita atenção nisso. A única coisa que me importava era estar na companhia dela para brincar, cantar e ouvir histórias. Sobre esse último, por mais que eu fosse criança, Juvenalia jamais me poupou das lendas de sua terra natal, Itacarambi, em Minas Gerais, geralmente, ou melhor, quase sempre norteadas por acontecimentos sobrenaturais, confusos e inexplicáveis, mas que faziam algum sentido para os mais velhos, inclusive para minha mãe Maria.

Em uma dessas ocasiões, tão logo o sol se pôs em uma aquarela de cores quentes, não demorou muito para que a família se reunisse para saborear um delicioso arroz com frango, feijão, mandioca cozida e, de sobremesa, doce de abóbora, para que no fim restassem somente eu e minha vó fora da casa, sentados em um banco de cimento batido, observando as estrelas cintilarem no céu destituído de nuvens, como se de alguma maneira o tempo tivesse parado para nos contemplar.

Foi naquele instante que ela tirou suas sandálias e passou a planta dos pés no chão, brincando com as graminhas que saiam dentre os vãos da calçada, por mais que tal comportamento não fosse lá muito higiênico. Suspirando, ela sorveu o ar fresco com cheirinho de terra molhada, e segurou meu ombro bem forte.

— Sabe, Camilo, essa noite, desse jeito: fria e silenciosa; me faz lembrar de quando eu morava lá em Itacarambi, com meus pais. Minha mãe sempre pediu para que a gente não saísse à noite, porque tem muitas coisas misteriosas que andam por aí e a gente nem sabe o que são. Já vi uma criatura com a qual me encontrei, que me dá calafrios até hoje.



Fonte: Adaptado de https://br.freepik.com/vetores-gratis/um-garoto-assustado-fantasma_4543691.html#query=medo&position=1
Acesso em: 27 out. 2020

— Você pode me contar, vó?

— Sim, mas peço que não tenha medo. O que eu irei contar foi meu encontro com uma criatura assombrosa... o bicho-homem.

— Eu não terei medo... — confirmei, cruzando as pernas sobre o banco enquanto ela tirava um pedaço de papel do bolso, onde estava desenhada uma figura alta e peluda, de olhos vermelhos.

— Tudo começou numa madrugada fria. Minha mãe tinha acabado de fazer o jantar e, logo depois de comer, meu pai chegou cedo, trazendo uma trouxa com a mistura do outro dia, para os cachorros que ficavam lá fora. Eles eram dois: Tonin e Junin, dois vira-latas, um idoso e o outro mais jovem. Em seguida, cada um foi pro seu quarto e nos deitamos para dormir. Porém, ninguém esperava que aquela noite fosse a mais assombrosa de nossas vidas.

Não me contendo de tanta ansiedade, a interrompi imediatamente sem que ela ao menos pudesse concluir:

— Por que vovó, o que houve? Ela, respirou profundamente como se aquela lembrança lhe causasse algum desconforto, mas prosseguiu:

— Com um estrondo tão alto quanto um trovão, nossa porta foi esmurrada por alguém, que fosse um ladrão ou algo do tipo. Mas junto com as batidas, um ruído estranho veio da porta, como se alguém estivesse engasgando, emitindo um som guttural e maligno.

— Num ímpeto, meu pai pegou a peixeira para nos defender, mas minha mãe não deixou que ele abrisse a porta. Em vez disso, nós ficamos em silêncio até que as batidas parassem, mas, logo depois, elas recomeçaram, agora, nas janelas. Apesar das tentativas de invasão, o que mais trazia angústia era cogitar que algo de ruim acontecesse com nossos cachorros, que ao perceberem a ameaça, não pararam de latir sequer por um segundo. Mas meu pai, que era corajoso, e não ia deixar que nada de ruim acontecesse com a gente. Por isso, ele desobedeceu a minha mãe e saiu.

— Quando a porta estava aberta, mamãe me segurou no colo e pediu para que eu ficasse calada. E como se fôssemos sombras, esgueiramos a parede, quando de repente vimos papai de frente para algo terrivelmente assustador: uma criatura alta, de braços e pernas rígidas como se não tivesse juntas, de olhos grandes e vermelhos; a pele toda coberta de pelos marrons e orelhas pontiagudas, estendendo as mãos grandes e com unhas longas e afiadas.

Nesse momento, percorreu-me um calafrio pelo corpo todo como se alguém estivesse nos observando, porém tentei manter a calma, para que vovó continuasse:

— Ao olharmos para o vão, vimos que somente Junin, o cão mais jovem, estava latindo a um gemido de lamento, pois Tonin, o cão mais velho, encontrava-se desfalecido no chão aparentemente ferido pela criatura. Enquanto meu pai se posicionava para enfrentar o bicho, Junin avançou e tentou morder as pernas do monstro. Porém, antes que pudesse feri-lo, o cachorro mais novo também foi atingido pelas mãos, ou melhor, pelas unhas da criatura, que se alongaram como se fossem agulhas afiadas, jogando-o para o lado. Meu pai, desnorreado, empunhou a peixeira e preparou-se para contra-atacar. Minha mãe, porém, largou-me no c

e gritou, pedindo para que João recuasse. Meu pai, claramente nervoso, verteu lágrimas e seus cachorros daquela maneira, mas mesmo assim atendeu ao pedido de Joana.

— Parado, o bicho-homem abriu um sorriso, revelando centenas de dentes pontiagudos como se estivesse feliz por tudo o que havia feito. Todavia, em vez de continuar com as mãos rodeadas de pelos, até desaparecer no meio da mata.

Muitas perguntas passavam a minha mente nesse momento:

— E agora vovó, o que aconteceu? Ele foi embora? O que ele queria?

— Ninguém entendeu ao certo o que havia acontecido, mas minha mãe, que em um momento da vida enfrentara o bicho-homem, tratou de esclarecer que ele fora um escravo que morrera nas matas e que, salvo pela natureza, foi transformado em uma criatura perigosa. Sua missão era expulsar aqueles que ousaram construir casas onde só deveria haver a natureza.

— Desde aquele dia, Camilo, sempre que eu sinto esse cheiro de mato, lembro-me da figura e de quão assombrosa ela era. Esse desenho aqui — ela me entregou o papel — um dia depois do acontecido e sempre guardei comigo para me lembrar que há uma linha entre o céu e a terra do que as coisas que, de fato, conhecemos.

— Mas, Vó, você viu o bicho-homem de novo depois que ele atacou a casa?

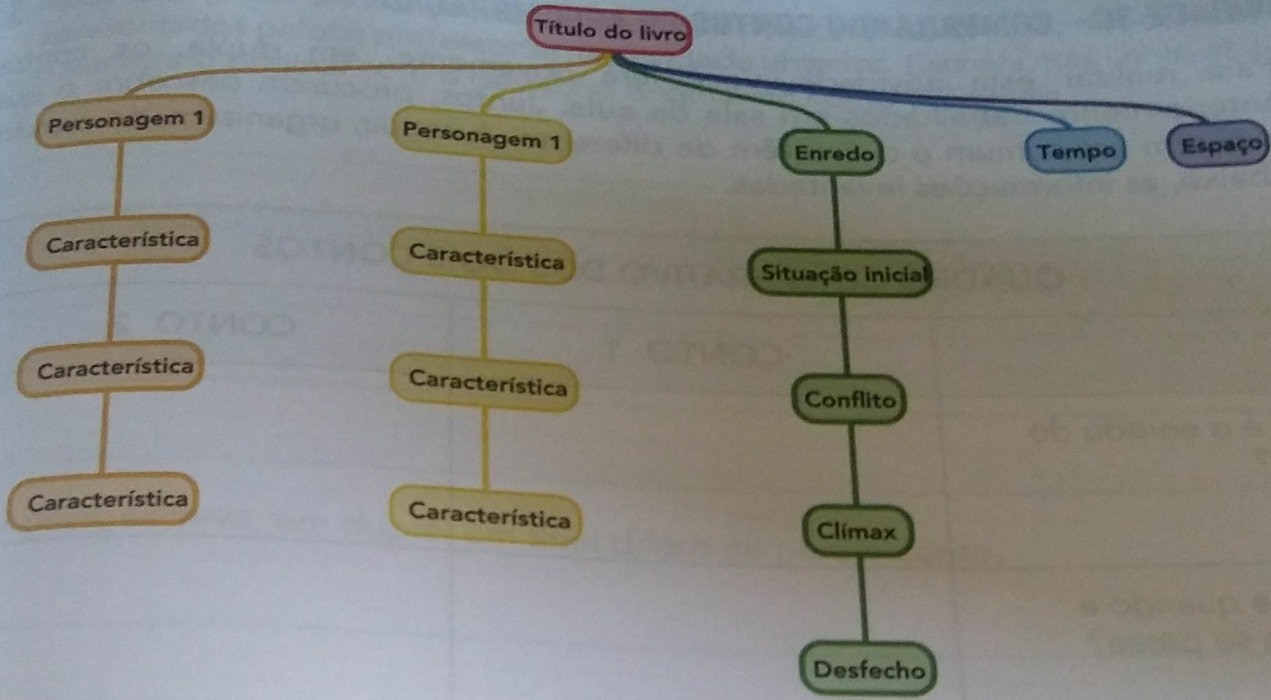
— Nunca mais. Mas dizem que ele anda por aí protegendo as matas. E de qualquer maneira, é questão de tempo para que qualquer um que tenha invadido um pedaço de terra da natureza se encontre com ele. Mas, acho que já chega. Vamos entrar.

Ao entrarmos, Juvenalia fechou a porta e começamos a nos arrumar para dormir. Observando o desenho, fiquei imaginando como seria ver uma criatura tão imponente, corpulenta e maligna. E em um estado de quase sono, mal fechei os olhos e fui acordado por algumas batidas na porta. Meu coração, de prontidão, acelerou e minha garganta se encheu de saliva. Alguns instantes fiquei paralisado de medo. Aos poucos, desci da cama, abri a porta e lentamente fui caminhando em direção à entrada da casa.

Entrando na casa, meu Tio Cláudio foi recepcionado por minha vó. No entanto, ao invés de ser ele, como a porta ainda estava aberta, eu consegui enxergar uma figura alta e magra com olhos vermelhos, saindo do matagal do outro lado da rua, a qual abriu um largo e maligno sorriso. Qual eu jamais me esqueci.

ATIVIDADE 3B – CONSTRUINDO ESQUEMAS GRÁFICOS

1. Na atividade 3B, você irá estudar como os contos de assombração são escritos e quais recursos que o autor utiliza. Retome, em parceria com seu(sua) parceiro(a), a leitura do texto "Teimosia". Analise-o, considerando personagens, tempo, conflito, desfecho e finalização do conto, utilizando o esquema a seguir.



2. Construa um esquema gráfico, em parceria com seu(sua) professor(a), contendo as informações relevantes do texto "Teimosia". Utilize o espaço abaixo.

ATIVIDADE 3C - COMPARANDO CONTOS DE ASSOMBRAÇÃO

1. Para realizar esta atividade, você lerá novamente, em dupla, os contos anteriormente trabalhados em sala de aula. Juntos, procurem descobrir o que eles têm em comum e o que têm de diferente. A seguir, organizem, no quadro abaixo, as informações levantadas.

QUADRO COMPARATIVO DOS DOIS CONTOS

	CONTO 1	CONTO 2
Qual é o enredo do texto?		
Onde e quando a história se passa?		
Quem são os personagens?		
O narrador participa da história ou observa os fatos? Justifique com trechos do texto.		
Qual é o conflito da história? Como ele é resolvido?		
Como termina?		
Que outra sugestão você daria para o final da história?		

2. Após analisar os textos, escolha, junto com o(a) seu(sua) colega, um dos contos apresentados pelo(a) professor(a) na atividade anterior. Escreva, nas linhas abaixo, o parágrafo original com o desfecho original do conto escolhido.

3. Agora, escreva, em dupla, um final diferente para o conto.



O SACI É MUITO ARTEIRO!
NOS SÍTIOS E NAS FAZENDAS,
ESPANTA OS ANIMAIS, BATE NOS
CACHORROS, ESTRAGA A PLANTAÇÃO,
DÁ NÓS NA CAUDA E ENROSCA A CRINA
DOS CAVALOS.

NAS CASAS, O SACI TAMBÉM SE
DIVERTE. ESCONDE AS TESOURAS, OS
MARTELOS E OUTRAS COISAS. QUEBRA
A PONTA DAS AGULHAS, EMBARALHA A
LÃ DOS NOVELOS, AZEDA O LEITE E
OUTRAS TRAQUINAGENS.

DEPOIS SE ESCONDE, ESPIA E DÁ
RISADA DO DESESPERO DAS PESSOAS.

INTERPRETAÇÃO DO TEXTO

1 - DESCREVA COMO É UM SACI?

2 - ESCREVA ALGUMAS ARTES QUE O SACI COSTUMA FAZER.

92 X 6

99 X 2

54 X 4

34 X 6

82 X 2

510 X 9

371 X 4

485 X 2

551 X 3

158 X 5

93 X 8

70 X 5

52 X 5

58 X 5



MULA-SEM-CABEÇA

79 X 9



89 X 8

35 X 9

76 X 8

76 X 7

Arme e resova

92 X 2	74 X 2	72 X 8	62 X 6	45 X 4
496 X 3	378 X 2	581 X 3	243 X 8	386 X 8
58 X 2				65 X 8
94 X 8				99 X 7
96 X 4	44 X 2	87 X 9	59 X 7	32 X 7

NOME: _____

MULTIPLICANDO

MULTIPLIQUE OS NÚMEROS DE ACORDO COM CADA COLUNA:



NEGRINHO DO PASTOREIO

X	2	4	6	8	10	12	14
2							
3							
5							
7							

CALCULE:

$$\begin{array}{r} 14 \\ \times 2 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 25 \\ \times 3 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 72 \\ \times 2 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 26 \\ \times 5 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 25 \\ \times 3 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 23 \\ \times 6 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 74 \\ \times 3 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 82 \\ \times 2 \\ \hline \end{array}$$

$$\begin{array}{r} 36 \\ \times 4 \\ \hline \end{array}$$



ARME E RESOLVA

$324 - 67$

C	D	U

$129 - 27$

C	D	U

$381 - 89$

C	D	U

$164 - 72$

C	D	U

$403 - 20$

C	D	U

$173 - 87$

C	D	U

$180 - 17$

C	D	U

$304 - 22$

C	D	U



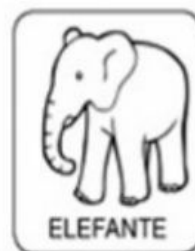


ADIVINHAS

PINTE A ADIVINHA CORRETA



O QUE É, O QUE É QUE MAIS PESA NO MUNDO?



O QUE É, O QUE É QUE PODE SER DOCE OU SALGADO, MAS NINGUÉM CONSEGUE FAZER DIREITO?



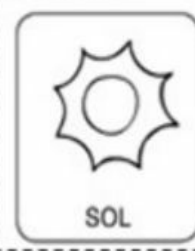
O QUE É, O QUE É QUE TEM BOCA, MAS NÃO FALA. TEM BOTÃO, MAS NÃO É TELEVISÃO?



O QUE É, O QUE É QUE TEM CABEÇA, MAS NÃO PENSA. TEM DENTE, MAS NÃO MORDE?



O QUE É, O QUE É QUE VIVE CAINDO, MAS NUNCA SE MACHUCA?



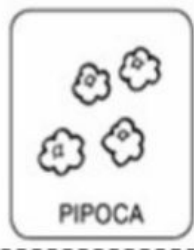
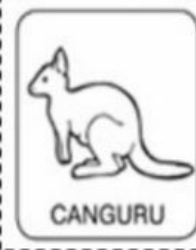
O QUE É, O QUE É QUE QUANTO MAIS SE COZINHA MAIS DURO SE TORNA?



O QUE É, O QUE É QUE QUANTO MAIS SECA, MAIS SE MOLHA?



O QUE É, O QUE É QUE QUANDO ESQUENTA PULA NO AR, ESTOURA E VIRA DO AVESO?



O QUE É, O QUE É ?

COM L VIVE NO CÉU... **U** **A**

COM N POUCO SE VÊ...

COM R É DE TODO MUNDO...

E COM S É DE VOCÊ...

COM B É DE SE COMER... **A** **L** **A**

COM S É DE SE FICAR...

COM E É DE SE DIZER...

COM M É DE CARREGAR...

COM P É FEITO DE TRIGO... **Ã** **O**

COM M É PARTE DA GENTE...

COM S É MUITO SAUDÁVEL...

COM Ç É MUITO VALENTE...

NOME: